

Recuperação da economia aponta

para novas oportunidades

O Brasil saiu da crise mundial mais rapidamente e com menos problemas do que outros países. O setor da construção pesada se recupera bem, com uma projeção, nos próximos anos, de fortes aplicações em infraestrutura. Depois da estagnação econômica sentida mais fortemente nas décadas de 1980 e 1990, pelo menos nos últimos cinco anos se vê uma retomada nos investimentos e os anúncios de novos projetos indicam que as empresas deverão estar preparadas para os desafios propostos.

Da parte do governo federal, o lançamento do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) deu uma dimensão do quanto se pode esperar. De acordo com nota divulgada pela Casa Civil, a primeira edição do programa, lançada em janeiro de 2007, chegou a 638 bilhões de reais, que deverão ser pagos até o final de 2010. Segundo o documento, o valor investido até 2009 foi de 403,8 bilhões de reais. O lançamento do PAC II, em 29 de março último, apresentou proposta de 1,59 trilhão de reais de investimentos, sendo 958,9 bilhões de reais de 2011 a 2014 e os 631,6 bilhões de reais restantes para depois de 2014.

E ainda tem a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas no Rio de Janeiro em 2016 que demandarão inúmeras obras. Em mineração, por exemplo, só a Vale tem um plano para 2010 que é o maior de uma empresa privada no país e o maior dentre as empresas de mineração no mundo: 12,9 bilhões de dólares. Já a Petrobras atualizou seu Plano de Negócios 2011/2014, totalizando investimentos de até 250 bilhões de reais, que foram incluídos no PAC II. O Conselho também aprovou para o período pós 2014, um conjunto de projetos que totalizam investimentos de cerca de 462 bilhões de reais.

Especificamente aqui no Estado de São Paulo, também há projetos de vulto. Em 30 de março passado foi inaugurado o Trecho Sul do Rodoanel Mário Covas, com 61,4 quilômetros de extensão e investimento de 5 bilhões de reais, que liga as rodovias do interior do Estado ao sistema Anchieta-Imigrantes, além da região do ABC. Em convênios DER/Dersa com a prefeitura paulistana, foi paga em 2009 a importância de 1,68 bilhão de reais e, até março de 2010, outros 316,30 milhões de reais.

Com todo esse cenário promissor, as atenções se voltam para as empresas que são responsáveis diretas por transformar esses investimentos em obras concretas. Pesquisa aqui do próprio Sinicesp indica que, no acumulado dos últimos 12 meses, o setor teve uma alta de 4,52% no número de trabalhadores (62 658 em fevereiro/2009 e 65 491 em fevereiro/2010, último mês contabilizado). No Estado de São Paulo são 863 empresas filiadas ao sindicato.

É justamente a formação dessa mão de obra que o Sinicesp considera ser o grande diferencial para enfrentar os novos compromissos. É preciso qualificar o pessoal da melhor maneira possível, desde o servente, que não pode mais ser analfabeto, como em nível de diretoria, com incentivos para os que se aprimoram mais. A empresa, por exemplo, pode pagar uma parte ou o todo de um curso de pós-graduação e fazer um plano para que o funcionário possa faltar ao trabalho em determinados dias para estudar, ou investir em uma viagem de aperfeiçoamento para ele fora do país.

Se, por um lado, a empresa precisa preparar o profissional, os trabalhadores devem se empenhar na própria formação. O perfil necessário para um bom



Marlus Renato Dall'Stella

é engenheiro, presidente do Sindicato da Indústria da Construção Pesada do Estado de São Paulo (Sinicesp), e presidente da S.A. Paulista

OPINIÃO

desempenho mudou, é preciso buscar conhecimento. Um diretor de engenharia, por exemplo, deve evitar se preocupar só com aspectos técnicos, enfatizando o relacionamento em grupo, a capacidade de liderança e o gerenciamento de equipes e projetos complexos. É do trabalho conjunto empresa/funcionário que vão surgir novas lideranças.

O próprio Sinicesp tomou a iniciativa de contribuir para a formação de mão de obra especializada e firmou, em agosto de 2008, um convênio com o Senai que já formou, até agora, 400 trabalhadores, especialmente na operação de máquinas como motoniveladoras, pás-carregadeiras, escavadeiras e vibroacabadoras, além de carpinteiros e armadores. A empresa interessada deve entrar em contato com o Sindicato e fornecer local e equipamentos para aulas práticas e teóricas. O Senai entra com professores e material didático. Os cursos, de 20 a 24 horas, são gratuitos e, ao final, o aluno chega a ter um acréscimo salarial de até 25%. A ideia surgiu pela constante sofisticação das máquinas utilizadas atualmente, que são similares aos principais modelos europeus e asiáticos, por exemplo. Nos canteiros do próprio Rodoanel foram realizados cursos, assim como em duas regionais do DER, Campinas e Sorocaba (a próxima deverá ser Itapetininga).

A questão dos engenheiros, de uma maneira geral, merece destaque porque há falta de profissionais e a tendência é de agravamento. As empresas, cada vez mais, buscam jovens já nas próprias faculdades. Os dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) indicam que são formados em engenharia cerca de 32 000 estudantes anualmente. O coordenador do curso de Engenharia de Produção da Faculdade de Engenharia da Universidade Federal de Juiz de Fora (MG), Vanderli Fava de Oliveira, lançou um livro em fevereiro deste ano, *Trajetória e Estado da Arte da Formação em Engenharia, Arquitetura e Agronomia volume I: Engenharias*, em que faz um histórico dos cursos no Brasil e mostra a situação atual. Ele cita informações divulgadas durante o Congresso Mundial de Engenheiros, de 2008, que os Estados Unidos precisam de 100 000 engenheiros/ano. Formam 70 000 e buscam o restante no exterior. Na Coreia do Sul, 80 000 estudantes concluem os cursos para uma população local de 49 milhões de habitantes, um quarto da brasileira. Na China, são 400 000 engenheiros por ano; na Índia, 250 000. Ainda longe de outros países, precisamos não só de quantidade como de qualidade.

As conclusões da publicação *Mapa Estratégico da Indústria – 2007-2015*, uma iniciativa da Confederação Nacional da Indústria (CNI), e apresentadas também por Oliveira, sintetizam a importância do conhecimento para o futuro: "o maior valor agregado da produção hoje provém do conhecimento; a informação constitui insumo básico para a competitividade; a agilidade e a qualidade são elementos essenciais no contexto competitivo; a inovação é uma estratégia-chave para o desenvolvimento econômico e implica constantes mudanças; a educação é elemento essencial para a inclusão social e política, por ser imprescindível ao exercício da cidadania".